

SOCIEDADE E COMUNIDADE EM REDE

“Numa perspectiva histórica mais ampla, a sociedade em rede representa uma transformação qualitativa da experiência humana” (Manuel Castells)

A SOCIEDADE é formada por todos os seres humanos que ocupam um determinado espaço num determinado tempo. O espaço pode ser um país ou região, por exemplo, e o tempo que, historicamente, pode ser bastante longo mas que, sociologicamente ou estatisticamente, pode ser extremamente curto. Ainda há uma terceira dimensão a considerar aqui, a dos traços de união entre os elementos, que podem ser os mais variados: família, vizinhança, trabalho, povoação de origem, origem étnica, opções políticas, país, etc.

Já a REDE é um conjunto de nós interligados por relações aleatórias que permitem o fluxo de informação. Abstraindo essa definição para a nossa sociedade, pode-se considerar que a primeira rede da qual fazemos parte é a família. Nesta, os nós são os familiares e todos eles se comunicam, trocam experiências e entre ajudam para o bem comum. Outra rede que integramos é a escola. Aqui também há a comunicação e a troca de experiências que formam uma rede um pouco mais abrangente.

Partindo desse raciocínio, vamos ao longo da vida fazendo parte de várias redes, trabalho, grupo de amigos, associações e todas elas acabam por ficar interligadas através de um ou mais nós (pessoas) até chegarmos a uma rede maior que podemos considerar a sociedade.

Deste entendimento de rede apresentado na esfera da vida privada (família, escola, entre outros) denota-se uma certa limitação, seja por espaço, tempo ou traços de união. Algumas dessas limitações poderão ser, no entanto, ultrapassadas através das tecnologias de informação e comunicação.

As sociedades sempre viveram em rede, ou em redes; lembremos que no passado as tribos índias partilhavam informação através dos tambores e de sinais de fumo, construindo a sua própria rede de comunicação. No entanto, segundo Castells(2006) , o avanço tecnológico proporcionou um aumento exponencial do efeito de rede, modelando a sociedade atual, na qual se insere a sociedade da informação e do conhecimento.

As tecnologias modernas, por exemplo, permitem a formação de redes informais e comunidades de aprendizagem cuja afinidade é o encontro num ambiente virtual. Da mesma maneira, as afinidades existentes ou geradas podem proporcionar a formação de redes porque o encontro de interesses semelhantes (de qualquer tipo) induz a procura dos meios de comunicação (ou tecnologias) adequados.

Ao somar SOCIEDADE + REDE encontra-se uma construção moderna, apesar de sociedade e de rede terem antecedentes que reportem ao passado. Percebe-se que o conceito SOCIEDADE EM REDE não é uma mera soma das partes e sim o resultado do imbricamento das afinidades com as tecnologias, que permite e/ou mantém em comunicação, em tempo real, pessoas e grupos de pessoas independentemente da sua localização geográfica, tempo e traços de união. Tem a possibilidade de o seu âmbito ser tão global quanto o mundo inteiro como, por exemplo, os sistemas financeiros, ou tão

local ou localizado quando se pretenda como, por exemplo, o grupo de pessoas que frequentaram uma dada escola.

Esta associação moderna de afinidades e tecnologia permite uma liberdade e/ou uma configuração variável que dependem apenas da vontade dos nós/pessoas na sua formação, extensão ou extinção. É, assim, uma propriedade da mais elevada importância para todos os aspetos da vida em comum nesta segunda década do séc. XXI.

A sociedade em rede é a sociedade da descoberta do outro! Nunca como hoje, o desconhecido esteve ao nosso alcance. O medo nasce do desconhecido e a grande teia comunicacional que nos envolve deveria servir para aplacar as iras e os medos, fossemos nós tão desenvolvidos como a rede. O homem na sua imperfeição, criou uma ferramenta extraordinária, ainda subaproveitada.

Na descoberta do outro, o indivíduo acaba por se encontrar consigo próprio. Como Castells (2005) refere, a identidade é por vezes a única fonte de significado e, nesse sentido, aquilo que nos identifica também nos aproxima. Num mundo em mudança pautada pelas desestruturas sociais, cada vez mais nos aproximamos daqueles que nutrem interesses comuns.

Integrados num determinado contexto social, fazemos inevitavelmente parte de um conjunto de redes, das quais não nos podemos desagregar. No entanto, e face ao crescimento diário das tecnologias que as desenvolvem e fortalecem, está nas nossas mãos a criação e a inclusão em novas redes e fontes de partilha. A forma ativa, como nos integramos faz com que nos aproximemos mais dos outros e, no fundo, também de nós mesmos.

Estamos a viver uma fase que Castells (2005) designou como Revolução Informacional e Tecnológica, atribuída a uma evolução associada a grandes redes comunicacionais, que interfere em diversas esferas sociais e em diferentes domínios (científico, económico, político e cultural). Estas transformações estão a mudar o mundo em que hoje vivemos e a forma como comunicamos.

A forma como produzimos e divulgamos a informação caracteriza esta nova forma de estar no mundo transformando, qualitativamente, a experiência humana. E é neste paradigma que assenta a ideia de rede, correspondendo às naturais relações/interações, entre as pessoas, mas assente numa nova dimensão tecnológica incentivada pela Internet.

A tecnologia atual, criada pelos homens para suprir necessidades da sociedade, desenvolveu novos meios de comunicação, rápidos, poderosos e eficazes – com a Internet em primeiro plano – permitindo que redes anteriormente restritas a determinados contextos possam hoje interligar-se quase sem constrangimentos. A Internet e em concreto a World Wide Web, por esta e por outras razões, é considerada a “rede das redes”, que permite a comunicação a uma escala global.

A própria Internet, como a sociedade, também evolui para a Web2.0, suportando a crescente participação ativa dos seus utilizadores na partilha de informação, como referenciado por Tim O’Reilly: “Web 2.0 é a mudança para uma Internet como plataforma, e um entendimento das regras para obter sucesso nesta nova plataforma. Entre outras, a regra mais importante é desenvolver aplicativos que

aproveitem os efeitos de rede para se tornarem melhores quanto mais são usados pelas pessoas, aproveitando a inteligência coletiva”.

Desde sempre a sociedade funcionou em rede mas a explosão do uso da Internet fez com que as redes se estruturassem em torno de plataformas online. Para além do contato interpessoal passamos a ter como recurso de socialização o contato via web, em múltiplas áreas de interesse, em variados idiomas e em localizações geográficas até então inacessíveis.

Novas oportunidades surgem, quer em matéria de negócios, quer no que diz respeito à aprendizagem, contudo novos perigos estão à espreita. É mais que atual o ditado “diz-me com quem andas dir-te-ei quem és”, só que agora “anda-se” no ciberespaço.

A sociedade em rede é analisada por Lévy (1999), “cibercultura”, sendo este o espaço onde se trocam interações potenciadas pela realidade virtual e que surge a partir de uma cultura informática. As pessoas vivenciam uma nova relação espaço-tempo quando mergulham na virtualidade e Lévy utiliza a analogia da “rede” para explicar a formação de uma “inteligência coletiva”. Não é possível ignorar o impacto das tecnologias na vida humana nem na vida em sociedade; são novas linguagens, novos usos, novas percepções, novas identidades, novas simbologias que se emaranham numa rede que apanha na sua malha famílias, amigos, interações laborais, fenómenos económicos, movimentações sociais...

Resta saber a serviço de quem se encontram as tecnologias? Que mudanças nos impõem e quem domina quem? Que valores se alteram numa sucessão de relações mediadas pelas máquinas?

Lévy aponta o computador como uma nova ferramenta de experiência e pensamento. Embora saibamos que o universo digital é composto por um sistema de código binário, é a partir da Internet, com as suas múltiplas potencialidades e ferramentas, que muitas das nossas experiências são vivenciadas. Podemos falar de uma cultura comunitária virtual formada por todas as pessoas que utilizam a rede e é nesse espaço cultural que os indivíduos experienciam potencialidades em que a escrita, a leitura, a música ou as imagens assumem novas configurações e é nesse espaço virtual que emerge um novo conceito de sociabilidade.

Vivemos numa era em que a comunicação superou barreiras e em que a Internet e a Sociedade em Rede têm permitido a troca rápida de informação, bem como capacidade de processar e gerar conhecimento.

De fato a sociedade gera e tem necessidade das tecnologias e as tecnologias existem porque as sociedades se servem delas tirando benefícios sociais, políticos, educacionais, entre outros. O desenvolvimento tecnológico invade o nosso quotidiano, aproximando espaços/tempos, alterando a nossa capacidade de comunicação, a forma como pensamos e como nos relacionamos com os outros.

Desde sempre existiu alguém que lança a primeira ideia, ou pelo menos lança as tendências, seja na arquitetura, na psicologia, na moda, nas ciências de um modo geral. A propagação do conhecimento (ou as tais ideias iniciais) sem a rede torna-se mais lento, ou ainda inexistente, é qualquer coisa como na proporção matemática 1:1 (um para um).

Com a Sociedade em Rede, que faz uso das tecnologias de comunicação, esse tipo de intercomunicação, propagação de conhecimentos já se torna 1:N (um para muitos) ou ainda N:N (muitos para muitos).

No mundo em rede, enfrentamos um grande desafio de reconstrução da nossa forma de ser e de estar no mundo; temos uma panóplia de possibilidades inesgotáveis. Sobre a nossa identidade atuam influências de novos códigos que se traduzem numa rede de interações de diversas naturezas, permitindo um fluxo que decorre numa velocidade nunca antes imaginada em termos de tempo-espço tecnológico.

A sociedade em rede consubstancia-se no novo ambiente social e tecnológico – era digital, permitindo a comunicação a nível local e global e a expansão permanente das novas tecnologias trazendo um aumento significativo de interatividade de muitos para muitos.

Porém, não significa o mesmo que sociedade da informação e do conhecimento. Esta corresponde à sociedade com novas capacidades de (re)organização recorrendo às tecnologias da informação e da comunicação com atividades que têm por base as redes de comunicação digital. O desenvolvimento das tecnologias traz alterações profundas: globalização, aceleração e instantaneidade da circulação da informação, a realidade mediatizada pela tecnologia, dando origem ao homo digitalis.

Respondendo a pergunta feita inicialmente: O que é uma Sociedade em Rede?

Podemos dizer que:

A sociedade em rede, como a conhecemos atualmente, é o conjunto de seres humanos que partilham interesses comuns, ligados por pontos e ferramentas que facilitam a comunicação e a partilha de experiências entre si. Nesta partilha coletiva, cada indivíduo ruma ao descobrimento da sua identidade individual e coletiva.

Como a produção Social pode revitalizar o Mundo

Estamos atualmente a enfrentar uma economia global em recessão, mas esta será melhor caracterizada se descrita como um emaranhado de desalavancagem e de deflação, o que pode demorar dez ou mais anos para resolver. Mas, entretanto, enfrentamos uma que crise de vários anos afetando milhões de pessoas, especialmente os milhares de universitários que poderão passar anos sem encontrar um emprego adequado?

Um longo período de recuperação económica, implica sempre um enorme desperdício de talentos de milhões de pessoas, já que irá privá-los da capacidade de aprender e ampliar os seus conhecimentos. Se os governos e a atual elite empresarial se apegarem aos seus privilégios e não quiserem divisar o futuro, um longo período de recuperação poderá muito facilmente levar a instabilidade social grande entre os jovens insatisfeitos e os desempregados, que gerará ainda maiores ondas de descontentamento social e uma sociedade mais instável e com ainda maiores assimetrias entre ricos e pobres.

Enquanto esperamos por uma reestruturação dos mercados financeiros (que vai demorar anos) e de desalavancagem de ativos, há outra maneira de contornar a crise? Existem políticas que poderiam alcançar um maior valor para os investimentos públicos em vez de jogá-los no mercado que vai levar anos para se re-organizar?

A resposta é positiva e esperançosa. Sim, existe. Tudo tem a ver com o estimular o potencial do que podemos chamar de "inovação social", ou "produção social." Este é o domínio da produção através da Internet e com a sua mediação, que aproveita as capacidades de abrir as redes sociais e melhor alcançar as externalizações positivas ".

Para entender a lógica desta promessa, podemos olhar para uma recente e menos severa, mas ainda assim grave crise económica - a Internet e o colapso das "dot-com" em 2000-1.

Os analistas previam, então como agora, que, sem capital, a inovação iria parar. Na realidade, ocorreu o oposto. Quase tudo o que já tomamos como uma conquista - a Web 2.0, o surgimento dos meios de comunicação social e participativa - nasceu no cadinho dessa onda de choque. A inovação não abrandou, mas antes pelo contrário aumentou consideravelmente durante a crise de investimento.

Esse fenómeno revela uma nova tendência no trabalho: o capitalismo está cada vez mais divorciado do empreendedorismo. Empreendedorismo está a tornar-se uma atividade em rede a ter lugar através de plataformas abertas de colaboração, e que pode ou não exigir injeções de capital.

Em essência, a tecnologia da Internet está mudando fundamentalmente a relação entre inovação e capital. Antes da Internet, no mundo da "destruição criativa" decretado pelo economista Joseph Schumpeter, os inovadores precisavam de capital para suas pesquisas, e que a investigação seria então necessariamente protegida por direitos autorais e patentes. Fundos adicionais seriam necessários para construir as fábricas necessárias.

No mundo pós-schumpeteriana, no entanto, as almas criativas de todo o mundo podem se reunir através da Internet. Eles podem criar novos tipos de plataformas de colaboração de baixo custo, e então construir um novo software, novos repositórios de informação, música e vídeo de sites partilhados, sites de redes sociais, e muito mais.

Paradoxalmente, esses empresários só precisam de capital quando forem bem sucedidos, e os seus servidores passarem a ter sobrecarga. Pense no Bittorrent, o software mais importante para a troca de conteúdos multimedia através da internet. Foi criado por um único programador, auto-financiado através de seus cartões de crédito pessoal, com zero de financiamento externo.

Embora a Internet tenha muitas pessoas com poderes para lançar-se no jogo de inovações em mudança - Linus Torvalds (Linux), Shawn Fanning (Napster), Richard Stallman (software livre) - a

verdadeira história da Internet é sua capacidade de permitir que grandes comunidades ao redor do mundo possam cooperar. As colaborações não são limitados ao conhecimento e software, mas estendem tudo o que o conhecimento que o software permite, inclusive a sua própria fabricação. Qualquer coisa que precisa ser fisicamente produzida, precisa ser "virtualmente concebida" em primeiro lugar.

A Colaboração em rede - muitas vezes chamada de "inovação social" ou "produção social" - é cada vez mais responsável pela maior parte da inovação a nível mundial. Numa época onde a maioria das pessoas educadas têm seus cérebros interligados através de múltiplas redes de sua escolha, a ideia de que toda atividade valiosa ocorre através do "mercado", e que um ou é um produtor ativo ou um consumidor "passivo" é um anacronismo perigoso. Atualmente, nenhuma empresa com os seus próprios sistemas proprietários podem competir com ambientes de negócios e práticas abertas de co-design e co-criação com outras empresas e mesmo envolvendo os consumidores (uma prática muitas vezes chamado de "crowdsourcing", tirando partido da inteligência colaborativa).

Empresas que desejam colher os frutos de plataformas abertas, que servem um ecossistema de negócios abertos estão adoptando novas atitudes em relação à propriedade intelectual. Eles percebem o que é privatizar o trabalho da coletividade, ninguém estará disposto a colaborar para o seu ganho ou propriedade exclusiva! Portanto, as empresas que possibilitem inovação social, e que usam formas abertas de propriedade intelectual, têm mais sucesso em atrair a cooperação. Eles podem construir os seus negócios no intercâmbio social que ocorre num espaço comum de conhecimento próspero - assim como todos os outros também colhem os benefícios da participação na comunidade.

Os tradicionalistas ou "velhos do restelo" podem troçar deste modelo, mas o sistema é fantasticamente produtivo e inovador. A economia do Linux estima-se valer mais de US \$ 36 bilhões, e este é apenas um dos inúmeros projetos de software livre. Chris Anderson, da revista Wired, estima o valor total anual produzido através da inovação social em US \$ 300 bilhões.

Um dos sub-setores mais robusto da economia é o de conteúdos gerados pelo próprio utilizador. As novas empresas de sucesso, como o Google, YouTube, Flickr, Twitter e todas as outras, não são a criação de valor em si, mas sim o de permitir que as comunidades de utilizadores possam criar valor através das suas bem concebidas plataformas. Como regra, todos os ecossistemas bem sucedidos de produção social acabam por produzir ecossistemas de negócios vibrantes, e obtêm o lucro a partir do conhecimento livre. A IBM agora colhe mais de metade de suas receitas provenientes de serviços relacionados com o Linux e de apoio - mais do que do seu portfólio de patentes! - Ainda a sua participação na comunidade Linux tem fortalecido as comunidades sociais e troca de conhecimentos dentro dos círculos abertos Linux. Nos países latino-americanos, como Equador e em alguns estados da Índia, como Kerala, diz-se que quase todos os programadores de software livre tem um emprego.

Mas o que isso tudo significa para a nossa atual crise económica? Significa a forte distinção entre trabalho produtivo por um salário, e estar passivamente à espera de um. Todas as ferramentas técnicas e intelectuais estão disponíveis para permitir que as pessoas continuem a produzir coisas valiosas. Eles podem continuar a construir a sua experiência de trabalho (capital do conhecimento"), a

sua vida social (capital de relacionamento") e reputação. Todos os três, serão cruciais para mantê-los não apenas de trabalhar, mas na realidade aumentam substancialmente as suas capacidades, potencialidades e conhecimento.

E o negócio pode beneficiar, também: Ao ajudar a sustentar o bem comum social que gera inovação, pode construir novos tipos de produtos de valor acrescentado "em cima" dos bens gerados pela comunidade. Podem lançar novas plataformas emergentes de consumo e demandas de negócios, participando ativamente nos novos ecossistemas de negócios abertos, ao invés de se esconder dentro das conchas dos sistemas proprietários em que muitas vezes em crise se retraem.

E os Governos dos países podem e devem fazer muita coisa para facilitar a produção social. Seria dar às pessoas a oportunidade de continuar a desenvolver as suas habilidades e conhecimentos, ajudar as empresas e as pessoas a criar ainda mais valor.

Há várias coisas que as autoridades públicas devem fazer para alcançar esta visão. Mas primeiro que tudo será necessária uma infraestrutura de banda larga totalmente funcional. Em particular, deve chegar aos pontos do interior rural e interior das cidades para que seu talento possa ser aproveitado e a cooperação obter ainda maior escala.

As autoridades públicas têm também um papel importante a desempenhar na formação de empresas e do público sobre o papel das plataformas open-source em matéria de inovação e desenvolvimento empresarial. O Governo deve criar um instituto, a de servir como um centro de intercâmbio de melhores práticas em áreas-chave da vida social e empresarial. Este deve ensinar os utilizadores sobre licenças abertas para conteúdos e explicar os seus benefícios. Em Brest, França, autoridades municipais têm sido fundamentais no apoio e sustentação da produção cultural de seus cidadãos, que não só enriquece a vida cultural local, mas tem atraído mais turistas. O Governo deve também criar "co-working de espaços públicos", que estejam ligadas a processos de incubação de empresas.

Em terceiro lugar, as autoridades públicas devem iniciar e propiciar a incubação de inovação. Em Toronto, por exemplo, a "Open Source Business Resource" tem sido fundamental no apoio para iniciativas de desenvolvimento de software livre. Ela tem ajudado a forjar uma ecologia de empresas locais que a indústria de serviços e de código aberto fornecendo o apoio das empresas locais nos seus processos adaptativos necessário para se reinventarem.

Em quarto lugar, as autoridades públicas deveriam oferecer diversas formas de patrocínio público - prémios, bolsas de contratos, contratos - para aqueles indivíduos que estão a efetuar desenvolvimento, e em processos de inovação. As inovações mais robustas são normalmente movidos por pessoas apaixonadas que trabalham em relações de colaboração com os outros num espaço comum de conhecimento. É portanto, bom senso, tanto nos negócios quanto em termos de política, de criar novas formas de apoio ao trabalho dos pioneiros individuais. Assim como a ciência do século 18 foi apoiada por uma rede de consumidores, levando à expansão da pesquisa científica, assim hoje o governo deveria usar a sua influência e púlpito de intimidação para promover os processos de conhecimento livre, software e design.

Finalmente, a inovação social não deve ser vista isoladamente, mas como parte de uma crescente e interligada conjunto de tendências para infraestruturas "peer to peer". O que em Internet é conhecido como infraestrutura de base das comunicações digitais, há outras importantes infraestruturas de rede, cuja fortificação vai ajudar as economias locais a sobreviver a períodos de crise globalizada.

Por exemplo, o estímulo "verde" de Obama proposta mostra uma compreensão do valor da tecnologia peer-to-peer e redes de energia para a infraestrutura de energia, e como uma estratégia para lidar com o pico do petróleo e a mudança climática. Para além de uma dependência de combustíveis fósseis não renováveis, uma "grid" de energia P2P permite aos cidadãos investir em casa e na sua vizinhança, na produção de energia baseada em energias renováveis, e partilhar ou vender a energia de que é co-produtor com a comunidade para a "grid" global. A rede de energia p2p desta forma reforça as comunidades locais e abre a porta a um novo tipo de prosperidade para o sector da energia.

Os princípios "Peer-to-peer" podem ser usados para melhorar o nosso sistema monetário, bem como, permitindo os chamados "sistemas monetários complementares." A proliferação de moedas regionais nos países de língua germânica da Europa, o sucesso do sistema WIR, na Suíça Santi e da Tailândia com a moeda Suk, mostram como uma comunidade pode reter uma maior parte do valor local que produz, em vez de deixá-lo ser "exportado" para outras partes do país ou do mundo. Esta é também a grande proposição de valor de uma economia aberta. Os Sistemas monetários P2P ajudam a isolar as economias locais da volatilidade das moedas nacionais que estão entrelaçadas com a economia global, fornecendo as comunidades locais com capacidade de resistência muito necessária em períodos de convulsão global acentuada, como os que vivemos hoje.

Como estes muitos exemplos sugerem, que um bom "plano de estímulo" à inovação social pode trazer benefícios incalculáveis para Portugal, e as outras nações do mundo, neste momento de crise. Apesar da escassez de capital, a inovação social pode deixar o processo de criação de valor continuar. É possível aprofundar e reforçar o capital humano, enquanto a construção de uma ecologia resistente de empresas cooperam com as comunidades de inovação social.

Através do apoio público ativo deste sector poderemos construir economias muito mais fortes e resistentes, que podem suportar as tempestades da globalização. Ao invés de trancar mais "know-how" e criatividade através dos direitos de propriedade intelectual (cuja circulação está limitada pelas falências e pela economia deprimida), a produção social e licenciamento aberto podem desencadear a criatividade e "know-how" para os domínios do conhecimento livre. Se nos atrevermos a cultivar este precioso bem comum, podemos esperar que os mercados se refaçam - e melhor! - Re-inventando-nos sobre uma base mais sólida, e mais resistente.